



TECENDO PALHAS DE BABAÇU E COSTURANDO TERRITORIALIDADES: práticas Culturais no Território do Povoado Folha Grossa, Tocantinópolis – TO

**Gercione P. Soares, Universidade Federal do Norte do Tocantins,
gercione.soares@mail.uff.edu.br**

**Profª Drª Rejane Cleide M. de Almeida, Universidade Federal do
Norte do Tocantins, rejmedeiros@mail.uff.edu.br**

I. Apresentação e Justificativa

A pesquisa PIVIC - UFNT foi desenvolvida no Povoado Folha Grossa, localizado na zona rural da cidade de Tocantinópolis – TO, a cerca de quatro quilômetros de distância. Possui por volta de 135 famílias (casas). É um local que vem passando por alterações territoriais, de paisagem, de costumes, de saberes e fazeres, em suas práticas culturais. Buscar entender tais mudanças têm sido algo bastante presente nos trabalhos de pesquisa que desenvolvo nesta localidade. Localidade esta que é o lugar onde moro e que por isso mesmo tem um significado enorme em pesquisar para entender os processos de mudanças ocorridas aqui. Registrar e produzir conhecimento a partir do local, no local, com o local, é fundamental para mim enquanto pesquisador, sendo essas as questões principais que motivaram e justificaram todo o trabalho.

II. Objetivos

Objetivo Geral

Compreender como as práticas culturais realizadas no povoado Folha Grossa com as palhas de coco babaçu – produção de artefatos com palhas da palmeira de coco babaçu, como côfos, abanos, esteiras, paredes e cobertas de casas – contribuíram com o seu modo de vida, com a produção de territorialidades no tecer das suas práticas cotidianas.

Objetivos específicos

- Identificar quais são as práticas culturais produzidas pela comunidade com o uso da palha da palmeira do coco babaçu;
- Verificar se houve mudanças nas práticas culturais produzidas com a palha da palmeira do coco babaçu;
- Analisar o resultado dessas práticas culturais identificadas no território do povoado e quais foram essas transformações

III. Metodologia

Como método de pesquisa foi utilizado a história oral, por possibilitar análise dos processos históricos, padrões culturais e, sobretudo das estruturas sociais em que os/as interlocutoras/os desta pesquisa se constituem como protagonistas. Como procedimentos, realizou-se pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas com alguns moradores/as mais velhos povoado – critério principal para a escolha dos participantes – e gravação e transcrições das mesmas, registros de imagens de alguns materiais. Foram aproveitadas outras pesquisas realizadas sobre o povoado que trazem alguns dados importantes sobre o tema aqui pesquisado. Além disso, foram feitos levantamento bibliográfico, seleção de material para estudos das categorias analíticas, resenhas dos textos selecionados, orientação para estudo e análise do material para produção dos relatórios parciais e final.

IV. Resultados

A pesquisa apontou entre outras coisas que os/as moradores/as faziam e ainda fazem artefatos - cofos, abanos, esteiras, casas - todos produzidos com palha da palmeira do coco babaçu. Dona Aldenora relata sobre a construção das casas:

uns fazia de paia. Botava a paia, aí botava o oi de paia pra cobrir. Outros não. Fazia só de oi de paia mermo. Era bonito! Aí aproveitava assim: quando eles ia tirar as paia que era pra cobrir, eles ia tirando a paia e já cortando o oi de paia. Aí cobriam e já iam fazer a parede dos oi de paia. Aí ficava bonito (Dona ALDENORA PEREIRA SOARES – 2023)

No relato acima, notamos que o olho de palha, que é a palha mais nova da palmeira, era tirado no mesmo momento da derrubada das palhas para fazer a cobertura das casas. O olho de palha era destinado para fazer as paredes e também para confecção de côfos, esteiras, abanos por ter a palha mais maleável e fácil de ser trabalhada. Seu

Manelim, morador antigo do povoado e que estava passando uns dias no povoado por não morar mais lá, chegou no momento da entrevista com Dona Aldenora, e contou o seguinte:

Naquele tempo o que nós fazia com ela era só mesmo tirar pra cobrir casa, fazer parede... porque as parede era tudo de paia. Tirava, cobria e cercava toda de paia. Tudo era de paia. Tudo, tudo, tudo, tudo. Aqui acolá você via uma casa de barro. E o talo de coco pra fazer cerquinha, fazia giral. Nêgo tinha vez que fazia um mata-burro, que lá pra eles chama cama de pau é mata-burro. Aí amarrava os talo de coco em cima e forrava com paia de banana e deitava. Era a cama. (SEU MANELIM – 2023)

Aqui, Seu Manelim acrescenta mais elementos ao que se fazia com as palhas da palmeira de babaçu. Além da cobertura das casas, da feitura das paredes, as pessoas também faziam cercas, girau e até cama, a partir dos talos da palha.

Figura 1 – Cerca de talo de coco babaçu



Fonte: Soares, G. 2023

Outro fator importante que a pesquisa trouxe à tona, diz respeito ao trabalho coletivo no povoado. Dona Egregória relata:

eu cansei botar adjunto de gente bem ali debaixo do meu pé de manga ali em casa, ali que é pra quebrar coco. A Alcina do Batata ia... era um bucado.[...] a Antônia Satilo, a Ilda [...] botava um adjunto, ela ia quebrar pra mim. Ela botava na casa dela, eu ia quebrar pra ela, era assim [...] trocava dia de coco. (Dona Egregória, 2020)

As casas, roças eram feitas a partir dos chamados “adjuntos”, mutirões. Que era um momento de trabalho coletivo, de fortalecimento, de pertencimento e que produzia, por isso mesmo, territorialidades.

Figura 2 – Cobertura feita com Palha de Babaçu, parte interna da casa



Fonte: Soares, G. – 2023

Seu Sousa nos conta sobre o processo de preparar as palhas para cobertura das casas:

tinha os tirador de paia. Tirar, riscar, bater, estender. Botava uma taboca, subia e derrubava. Corta o pé (da palha) [...] o tamanho da paia que serve, porque o pé num presta, que é grosso... sujeito vai e corta que é pra ficar mais fino. Risca, estende faz o estaleiro (MANOEL DAMAS SOARES (SOUZA) – 2023).

Aqui temos uma breve síntese do processo, que até hoje ainda persiste quando da construção de casas de palha de babaçu. O “tirador” das palhas precisa ter experiência para subir nas palmeiras e cortar as palhas. Para subir, se prepara uma taboca “bambu” furando vários buracos e colocando pedaços de madeiras, formando uma espécie de escada. Corta-se as palhas da palmeira, ficando na palmeira somente a última palha, a mais nova, chamada “olho de palha”. “Riscar” a palha é passar um facão bem afiado rente ao talo para, em seguida, “bater” com a mão para a palha ficar pronta pra ser estirada no estaleiro, para murchar e ser transportada até à casa a ser coberta.

Sobre a produção de outros artefatos como cofo, esteira, abano, os relatos dos interlocutores e interlocutoras contam o seguinte:

Aqui o véi Pedim fazia, o Alderico fazia cofo, esteira... tinha muita gente que fazia. A maioria do pessoal sabia fazer cofo, uma esteira que precisasse. Esteira fazia muita pra forrar paiol de arroz: Fazia aquele giral, cercava, aí forrava com esteira, e aí enchia de arroz. Usava pra forra assim. Fazia porta da esteira [...] era[...] era alguma casa que tinha porta de pau. A maioria era só esteira. (MANOEL DAMAS SOARES (SOUZA) – 2023).

Figura 3 – Seu Sousa e seus artefatos: esteiras, cofos, abanos



Fonte: Soares 2021

Os cofos também eram muito utilizados pelas pessoas do povoado nas roças, na quebra do coco e até para fazer mocó (um cesto bem pequeno, feito para crianças colocar pedra e caçar passarinho). Seu Manoel relata o seguinte:

no tempo que plantavam fava, a maioria fazia, que ia panhar. Faziam uns cofão grande. Aí enchia de fava e dependurava no paiol assim... tinha o paiol na casa assim, aí botava lá, aí ia debuiando e cozinhando” (MANOEL DAMAS SOARES (SOUZA) – 2023).

Seu Manelim conta que:

Fazia esteira de duas banda: fazia uma banda, aí apregava uma na outra aí botava ali em cima [...] aí tinha uma esterona! Na hora de botar de comer: "bota a esteira aí, minino!" Aí botava a esteira, saía botando de comer e menino comendo, todo mundo ali em cima da esteira... era uma mesa" (seu Manelim, 2023).

Em outro trecho do relato, dona Aldenora conta sobre o giral, que era outro artefato comum no povoado, usado como local de lavar vasilhas: "minino naquele tempo era sofrimento! E giral pra muié botar prato? Era giral de talo de coco. Enfiava quatro furquia, botava os talo e aí a gente botava o giralzim de lavar vazia" (Dona Aldenora, 2023). Contam também o seguinte: "Fazia grande, fazia pequeno... Pra panhar fava era num tiracolzim pequeno. Agora o grandão era pra gente ir desepejando dentro, que era pra gente levar e guardar, dentro daqueles côfo grande" (Seu Manelim, 2023). "Quando tinha casamento, fazia aqueles cofo do oi paia, limpim. Só pra encher de arroz... fazia aquelas panelas e já ia desepejando lá dentro" (Dona Aldenora, 2023).

De acordo com pesquisa em trabalhos já realizados sobre o Folha Grossa, outros relatos também confirmam que no início do seu povoamento, as casas eram em sua maioria feitas de palhas da palmeira de babaçu. A entrevista de dona Luzia, que consta na monografia *História do Povoado Folha Grossa, Município de Tocantinópolis, Estado do Tocantins, Brasil*. SOARES, G, 2011).

era casa só de palha naquele tempo! Se eu disser que vi uma casa de telha aqui, quando eu cheguei, eu estou mentindo. Porque não tinha, era tudo de palha. Até a capelinha de o Raimundo Caboclo fazer o festejo dele, era de palha, tapadinha de palha. Tinha uns que aqui, acolá, a casinha era de palha, mas, faziam aquelas 3paredinhas de barro pra tapar e, outras eram palhas mesmo. (LUZIA RIBEIRO DA SILVA, 2011)

Sobre a produção de artefatos, Dona Luzia (SOARES, 2011), relata também que "tirando a quebra do coco, outra coisa não tinha pra eu fazer, não. Fazia não. Aprendi fazer cofo, fazer esteira, abano, só da palha do coco". Esses relatos permitem compreender que os artefatos eram produzidos por quase todas as pessoas do povoado. Homens e mulheres produziam de acordo com suas necessidades: para construção de casas, produção de cofos para transporte da produção das roças, para quebra do coco, produção de abanos para abanar fogo de lenha ou carvão, produção de esteiras, constituindo territorialidades essenciais para seus modos de vida.

Alguns registros fotográficos sobre a confecção de alguns artefatos:

Figura 4 – Brinquedos



Fonte: Soares, G. 2023

Figura 5 – Cachimbo feito com palha de babaçu



Fonte: Soares, G. 2023

Figura 6 – Caixa de segredo



Fonte: Soares, G. 2023

Figura 9 – Seu Sousa produzindo abanos para uso pessoal



Fonte: Soares, 2021

V. Considerações Finais

De acordo com os participantes da pesquisa, nota-se que a produção de artefatos utilizando a palha de coco era bastante presente do cotidiano dos saberes e fazeres do povoado. A palmeira do babaçu foi primordial para o sustento das famílias, desde a quebra do coco para produção de azeite, até a construção de casas, cofos, esteira, cercas, giraus, camas, paiol, rancho nas roças. A construção de casas de palha era um momento de encontro entre as pessoas do povoado, assim como as roças. Nos dois momentos havia o trabalho de adjunto, trabalho coletivo, onde muitas pessoas participavam para colaborar com o trabalho uns dos outros, numa espécie de ajuda mútua, o que tornava o trabalho menos pesado e fortalecia as relações sociais ali presentes. A produção e utilização dos utensílios e artefatos feitos a partir das palhas da palmeira de babaçu, confirmam a hipótese inicial da pesquisa de que sua produção se dava a partir das necessidades e do modo de viver desses moradores/as, um tanto precário de recursos financeiros, de acesso a outras alternativas e tipos de materiais para uso cotidiano, à época.

A pesquisa também apontou outras territorialidades como a produção de redes pelas mulheres do povoado com o fuso e roda, plantação de algodão nas roças, danças de lindô, religiosidade, quebra do coco babaçu, carpintaria, alfaiate. Todos esses temas vez ou outra aparecem nos relatos e serão pesquisados com mais profundidade no decorrer de próximas pesquisas. A produção desses artefatos possibilitou e possibilita a reflexão e a compressão sobre os modos de vida, sobre os saberes e fazeres das pessoas do povoado, tanto as do passado e quanto as do presente, já que a produção desses artefatos ainda ocorre no povoado, mesmo que numa escala menor. Possibilita entender também como esses saberes eram compartilhados, compreender que são trajetórias que produzem territorialidades enquanto elementos constitutivos dos territórios, sendo esta pesquisa fundamental para sistematização e aprofundamento da análise das formas e produções de práticas culturais desenvolvidas no povoado desde o início de sua ocupação até os dias atuais.

VI. Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras tradicionalmente ocupadas - processos de territorialização e movimentos sociais**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 6, n. 1, maio 2004

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A luta pela terra: experiência e memória**. São Paulo: editoraUNESP, 2004.

SOARES, G. **História do Povoado Folha Grossa, Município de Tocantinópolis, Estado do Tocantins, Brasil**. Monografia (graduação) - Fundação Universidade Federal do Tocantins – Tocantinópolis, 250f. 2011

VII. Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil